

O ENDEREÇAMENTO DA ESCRITA COMO METODOLOGIA EM PESQUISA

Adriana Marcondes Machado

Sílvia Galessio Cardoso

Este livro¹ é fruto de discussões referentes à pesquisa intitulada O uso de narrativas como estratégia de formação na interface entre psicologia e educação² e produções do grupo de pesquisa Escrita e Formação do Instituto de Psicologia da USP. Apresentaremos alguns elementos do percurso em que os processos de escrita tornaram-se foco em pesquisas e nos trouxeram até estas páginas

Tendo trabalhado como funcionária técnico-administrativa (psicóloga) e, atualmente, como docente do Instituto de Psicologia na USP, Adriana Marcondes Machado participa há mais de 30 anos do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP (SePE), sendo, hoje, sua coordenadora. Esse serviço foi fundado na década de 1970 e teve Maria Helena Souza Patto como proponente (Machado, Lerner & Fonseca, 2017). Os textos e as análises de Maria Helena criticavam o desenvolvimento de

¹ A publicação desta obra em formato Open Access foi possível graças ao apoio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (Instituto de Psicologia – USP) que, sensível à necessidade de contribuir com a divulgação de pesquisas científicas de seu corpo docente e seus colaboradores, destinou a esta publicação recursos provenientes da verba PROAP, concedida aos programas de pós-graduação brasileiros pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), à qual, também, somos gratas.

² Com financiamento da FAPESP, processo 2018/26101-1 (07/2019 a 07/2021).

condutas e investigações que propunham a adaptação dos desajustados e incitaram o Serviço de Psicologia Escolar a trabalhar na formação de estudantes de psicologia de maneira a levar em consideração a desigualdade social como força motora da produção do fracasso escolar. Para isso, a formação em psicologia necessitava da organização de estágios supervisionados, em que os(as) estudantes pudessem habitar as relações institucionais e participar do diagrama de forças no qual as problemáticas se constituem.

No ano de 1986, foram contratadas as primeiras psicólogas para trabalhar nesse serviço, organizar e supervisionar os estágios. Na rotina das atividades de estágio, há uma ação fundamental: registrar os acontecimentos. Esses registros-relatos são materiais fundamentais para subsidiar a reflexão sobre as experiências de estágio discutidas nas supervisões realizadas pelas psicólogas do SePE.

Uma intensa inflexão se deu na confecção desses registros quando, ao percebermos um certo tom ressentido e rotulador que reduzia as análises das problemáticas aos corpos de certos sujeitos (professoras, familiares, alunos), atribuímos a produção desse tipo de escrita como efeito da demanda que as supervisoras faziam às(aos) estagiárias(os): escrever, **para as supervisoras**, sobre o que viviam **na escola**. Mudamos o endereçamento, isto é, passamos a pedir para que, ao escrever, as(os) estudantes mirassem como interlocutores as pessoas em relação às quais teciam observações. Como desenvolvido por Adriana Marcondes e Paula Fonseca (psicóloga do SePE) em artigo de 2019 (Machado & Fonseca, 2019), isso produziu uma gagueira fundamental e uma mudança na estratégia de análise dos registros nas supervisões: intensificou-se a atenção tanto à realidade que os escritos produziam quanto a como o autor habitava as relações de força em jogo nas cenas cotidianas descritas.

As experiências com esses escritos, denominados carta-relatórios, inspiraram algumas experiências apresentadas a seguir: (1) uma disciplina de pós-graduação, (2) a formação de profissionais que são atendidos em uma modalidade de trabalho do SePE intitulada Plantão Institucional e (3) o grupo de orientação com mestranda(os) e doutoranda(os).

Na pós-graduação, a partir de uma disciplina ministrada na linha de pesquisa Psicologia Escolar, Educação e Políticas Públicas, percebemos o mesmo discurso ressentido e reducionista nas(nos) pesquisadoras(es) em algumas discussões sobre os projetos de pesquisa. Por que os professores rotulam, por que os médicos medicam excessivamente, por que os jovens não aderem às ações educativas, por que a escola não funciona bem... produziam-se questões a serem pesquisadas. A rotulação, o excesso de prescrição de medicação, a não aderência e a escola-que-não-ensina

são produções desses campos, e uma escrita baseada na falha do outro não seria tão grave se fosse uma primeira marca do conhecimento a ser refletida, ampliada e modificada, para que tornasse possível alçar o funcionamento político em que essas práticas são engendradas. Mas, muitas vezes, esse tom permanecia durante todo o trabalho e, além disso, a figura do(da) pesquisador(a) era tratada como fora do diagrama de forças em que esses acontecimentos se materializavam. Desenvolvemos um exercício de escrita endereçada nessa disciplina de pós-graduação em que as(os) estudantes eram convidadas(os) a escrever uma situação cotidiana referente ao problema da pesquisa, eleger elementos presentes nessas situações e escolher, entre esses elementos, um remetente e um destinatário para a escritura de uma missiva (Machado & Fonseca, 2019). Como exemplo, um pesquisador que investigava o cotidiano da Fundação Casa escreveu “da galera que está dentro da casa” para “a galera que está fora da prisão”. As cartas redigidas eram lidas e conversadas na última aula da disciplina. Esse exercício permitiu a ampliação da análise dos elementos em jogo na construção da problemática da pesquisa, bem como um certo encantamento pela escrita.

Nestes últimos anos, desenvolvemos, no Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP, um exercício semelhante a esse que é praticado nos atendimentos a equipes de profissionais que vêm até a USP participar de uma modalidade de trabalho denominada Plantão Institucional com função de formação profissional. Nesse trabalho de extensão universitária, criamos um exercício de escrita endereçada com os grupos atendidos, com o objetivo de ampliar a capacidade de pensar e agir frente à sensação de impotência experimentada pelos profissionais, problematizar os registros escritos que essas(es) profissionais realizam em seus trabalhos e analisar o uso de dispositivos de escrita para o trabalho de formação realizado pelo Plantão Institucional.³

Essas experiências se compõem a uma outra, central para a apresentação deste livro. Desde 2012, há encontros quinzenais com todo o grupo que tem orientação com Adriana Marcondes Machado. A tarefa nesses encontros tem sido ler e discutir os textos escritos pelas(os) pesquisadoras(es). A experiência com as cartas-relatórios, com os exercícios de escrita endereçada na disciplina de pós-graduação e com as(os) profissionais atendidas(os) no Plantão Institucional se somaram à forma como vimos discutindo os textos das(dos) pesquisadoras(es). Há um foco na forma escrita e um desejo de que a conversa coletiva no grupo de orientação colabore com o enfrentamento das tendências generalizadoras, rotuladoras, ensimesmadas e

³ A pesquisa *O uso de narrativas como estratégia de formação na interface entre Psicologia e Educação* foca a experiência com seis grupos que participaram desse procedimento.

autoritárias presentes nas versões lidas e discutidas. Passamos a ficar à espreita de palavras de ordem esvaziadas de sentido, de reflexões que colocam as instituições pesquisadas na cadeira dos réus e de análises exteriorizadas em que as reflexões se reduzem aos sujeitos pesquisados. Compreendemos que a indignação em relação aos processos vividos e investigados exige uma precisão de análise em que sejam considerados os elementos macro e micropolíticos na configuração dos acontecimentos. Entender a natureza micropolítica do mal-estar requer estratégias coletivas para alterar essas condições de existência, sendo a escrita ação em que essas existências também se constituem. Não teríamos caminhado tanto sem as conversas em grupo, sem os estranhamentos que produzimos ao ler umas(uns) os textos das(os) outras(os), sem os palpites que vamos dando, principalmente em relação ao que passamos a denominar como uma escrita-sem-disputa (Machado & Fonseca, 2019).

Essas experiências em pesquisa, ensino e extensão ampliaram as inserções em uma rede na qual discutimos questões referentes ao uso da escrita em processos de formação: alguns(algumas) de nós participam da linha sobre dispositivos de formação no Grupo de Pesquisa do CNPq Saúde Coletiva e Análise Institucional, liderado pela professora Solange L'Abbate; publicamos e apresentamos, em congressos, trabalhos referentes à relação escrita e pesquisa (Machado, Hahne & Martinez, 2020; Machado & Fonseca, 2019) e nomeamos nosso grupo de pesquisa **Escrita e Formação**.

Desde o segundo semestre de 2019, Sílvia Galesso, cujo doutorado defendido na Faculdade de Educação da USP versou sobre o trabalho que ela realizou como professora de produção textual para estudantes do Ensino Médio (Cardoso, 2019), passou a compor o grupo de pesquisa e submeteu um projeto de pós-doutorado visando trabalhar com a questão da escrita na pós-graduação a partir de oficinas e acompanhamento de processos de escritura dos pesquisadores.

Essa trajetória de experiências que foram se desdobrando em torno do interesse comum sobre o que pode a escrita na produção de pesquisa nos entusiasmou a compor um livro no qual pudéssemos não só discutir esse tema, mas colocá-lo em ação: fazer do livro oportunidade para praticar a escrita que vimos discutindo. No fim de 2019, estipulamos que nos dedicaríamos a tal tarefa no ano seguinte.

Não contávamos que, em março de 2020, uma pandemia seria propagada pelo mundo e mudaria nossas vidas. Mantivemos nosso compromisso, mas, de início, estava difícil encontrar ânimo para escrever em meio a tanta insegurança, adaptações e necessidade de manter as atividades da pós-graduação. Fomos tendo que inventar estratégias para seguirmos empenhados. Lançamos uma pergunta

disparadora para cada um pensar sobre o que escreveria: quais desafios na escrita se produziram ao longo do percurso de pesquisa? Também reunimos, em uma pasta virtual, referências bibliográficas sobre a questão da escrita em contexto de pesquisa, estimuladas pela investigação que vínhamos desenvolvendo com o financiamento da FAPESP, e a compartilhamos com o grupo. Essas iniciativas ajudaram com a definição dos temas. Além disso, recorreremos à experiência com cartas, apostando que o endereçamento facilitaria novas aproximações com as questões pesquisadas, o que para alguns foi uma solução, e para outros, não. O uso da correspondência não era uma regra, o que importava era exercitar uma escrita tomada como procedimento para pensar o tema perseguido no texto e, também, como objeto próprio de reflexão. Essa é a razão da variedade de formatos dos capítulos.

Outro recurso que desenvolvemos para incentivar a confecção deste livro foi a troca de leitura. As(os) autoras(es) foram inseridas(os) em pequenos subgrupos em que todas(os) leram e comentaram cada texto, e organizamos reuniões gerais com todas(os) para discussão de questões trazidas pelos subgrupos. Ao longo do ano, fizemos três rodadas com essa dinâmica. A intenção era manter o olhar estrangeiro aos textos, aberto a estranhamentos e disposto a explorar possibilidades não pensadas. A troca de comentários nos grupos menores impulsionava a escrita, por se ter com quem dividir o peso das escolhas, por se ter um leitor para testar o texto, para questionar o que se quis dizer, debater certezas, discutir os efeitos da leitura e clarear sentidos – um treino para o escritor escutar o que o leitor tinha a dizer e para o leitor dialogar com o que lia. Nas reuniões gerais, algumas dificuldades foram explicitadas e puderam ser discutidas. Duas delas valem ser citadas, porque enfrentá-las é parte da proposta deste livro. Uma foi transitar entre a pessoalidade instigada pelo destinatário (ou pela interlocução), a impessoalidade presente no processo de construção das problemáticas investigadas e os esforços para não cair na neutralidade visada e convencionalizada pela linguagem científica: usar a primeira pessoa do singular favorecia acessar a experiência de um “eu”, mas isso, além de não bastar, carregava o perigo de uma escrita ensimesmada que reduz as análises dos fenômenos investigados. O singular que interessava compartilhar implicava acessar as relações em que se produz o sujeito-primeira-pessoa. A outra dificuldade foi não adotar um tom prescritivo ou repleto de verdades que aparecia como tendência nas primeiras versões em que se escrevia de forma endereçada, visando defender certas formas de pesquisar. Diante disso, tivemos que averiguar maneiras de prescindir tanto de recomendações quanto de expectativas sobre o outro, como se fosse ele quem estivesse falhando, ou de promessas de que a pesquisa poderia resolver as problemáticas abordadas.

Como procedimento para chegar às versões finais dos capítulos, nós, organizadoras do livro, lemos todos os textos e enviamos considerações. Optamos por manter informalidades da língua em momentos nos quais há transcrição de falas ou em que a linguagem enfatiza a interlocução.

As(os) autoras(es) trataram da escrita no processo formativo, dando ênfase à relação com aquela(e) da(do) qual se fala na construção da escritura. Escrever levando em conta a presença desses de quem se fala promoveu a discussão sobre os temas trabalhados: escreve-se aos jovens que vivem as medidas socioeducativas como forma de colocar essas medidas em análise; direciona-se uma carta a uma bebê cuja mãe está presa em uma penitenciária como maneira de indagar as formas de avaliar e tratar essas mulheres-prisioneiras-mães; constrói-se um percurso narrativo a partir do diálogo com estudantes de classes sociais desprivilegiadas do IPUSP como forma de problematizar a produção de relações de desigualdade no Instituto. A escrita endereçada, assim, não é uma característica restrita à carta, ela é uma metodologia de pesquisa que visa implicar o pesquisador no diagrama de forças do campo tematizado, recurso para combater a propensão ao queixume diante dos problemas, à culpabilização frente a impedimentos e à prescrição de medidas e condutas a serem tomadas. O endereçamento e a discussão dos textos escritos nos permitem habitar essa trincheira, essa incisão entre nós e o outro, em que é possível agir.

Os trabalhos apresentados neste livro ressaltam um dos atravessamentos fundamentais na atividade de pesquisa: escrever. O texto escrito em pesquisas nas ciências humanas é campo de atividade do pesquisador, um laboratório em que a realidade é criada e performada (Moraes, 2011). Se performamos realidade, então o método é político, assim como a escrita.

Dessa forma, compreendemos a discussão e os exercícios de escrita desenvolvidos nesta publicação e presentes na configuração do grupo de pesquisa Escrita e Formação como ação micropolítica que performa processos de subjetivação e cria realidades que visam a ampliação da análise dos fenômenos em processos formativos de pesquisadores e profissionais.

Adriana Marcondes Machado, Beatriz Saks Hahne e Paula Fontana Fonseca, no capítulo *Pensar é deslocar-se: o jogo da escrita endereçada*, apresentam um procedimento de trabalho formativo de profissionais em que utilizam um exercício de escrita endereçada como forma de produção de deslocamentos em modos de pensar reducionistas e hierarquizados.

O trabalho de supervisão de estágio é o assunto do capítulo *Despropósitos formativos*, escrito por Paula Fontana Fonseca. Ela acompanha os processos de

se tornar um(a) estagiário(a) e de se tornar uma supervisora do que eles têm em comum e de mais valioso: os desvios e as incertezas.

Lilian Aracy Affonso Veronese conta, no capítulo *A escrita como oportunidade de encontro na experiência do ensino universitário*, sobre uma experiência de escrita proposta como parte da formação de estudantes de Psicologia, capaz de fazer do encontro pedagógico ocasião para variar o pensamento.

Sílvia Galesso indica pistas para o(a) pesquisador(a) tornar-se leitor(a) do próprio texto no capítulo intitulado *Ler-se: uma prática de escrita como exercício de alteridade*.

No capítulo *Fazer pesquisa como processo relacional: viver, analisar e escrever problemas na parceria com educadores*, Carolina Terruggi Martinez apresenta as gagueiras e os desvios experimentados na escrita da pesquisa, quando a pesquisadora passa a considerar seu trabalho de investigação uma produção com os educadores da escola acompanhada.

O capítulo *Uma prática de escrita ou a escrita como prática: a relação CAPS IJ e escola em foco*, escrito por Renata Penalva Vieira da Silva, enfatiza a articulação do procedimento de escrita individual e acadêmica com o trabalho coletivo em um Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil na construção de práticas intersetoriais com as escolas de seu entorno.

O capítulo *A medida socioeducativa entre “vocês” e vocês: aprender com o que produz silêncio na escuta sobre a vida*, elaborado por Beatriz Saks Hahne, direciona-se aos adolescentes que experienciaram medidas socioeducativas, apontando as mudanças no percurso de seu estudo a partir do contato e da atividade de escrita em coautoria estabelecidos com alguns deles.

Tomaz Volpi Guimarães Piestun escreve uma carta em que um professor se corresponde com seus alunos, que estão começando a ler e a escrever. O capítulo se intitula *Às crianças do 1º ano de 2020: uma carta para daqui a alguns anos*. O medo do desconhecido é o tema da conversa, e o autor relaciona as dificuldades de lidar com as novas línguas impulsionadas pela pandemia e o receio e as pressões concernentes à alfabetização.

No capítulo *Carta para Rita: diálogos sobre a separação de bebês e suas mães em situação de cárcere*, Luiza Ferreira troca correspondência com uma bebê que conheceu em um Serviço de Acolhimento Institucional, cujo encontro a mobiliza a discutir a separação mãe-bebê e os discursos acerca de ser mãe e de ser bebê na condição de encarceramento.

Em *A construção de narrativas com estudantes de classes desfavorecidas da universidade pública*, Adriana Marcondes Machado e Paula Moreira Castellucci expõem e debatem a produção de narrativas com estudantes de classes socioeconômicas desfavorecidas no IPUSP como forma de disputa contra concepções e práticas universitárias que negam a complexidade da história e do contexto em que o despertencimento é produzido.

Os capítulos são marcados pelos tempos da pandemia de Covid-19 – ora como ambientação, ora como comparação e ora como discussão. Cada um experiencia a seu modo a contaminação da doença nas condições atuais de vida e, conseqüentemente, na prática da escrita.

Neste momento em que a ciência é convocada a afirmar sua relevância para salvar vidas, escrever e ler tornam-se, mais que nunca, exercícios de afirmação de vitalidade.

REFERÊNCIAS

- Cardoso, S. G. (2019). *Subjetividade e escrita argumentativa: encontros e desencontros na composição do texto*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Machado, A. M. & Fonseca, P. F. (2019). A escrita endereçada como prática de formação e construção de realidade. *Revista Mnemosine*, 15(1), pp. 4-22. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/45970/30914>.
- Machado, A. M., Hahne, B. S. & Martinez, C. T. (2020). Enfrentando a escrita-em-dívida na formação de pesquisadores/Dossiê 55 anos de Pós-Graduação no Brasil. *Movimento-Revista de Educação*, 7(14), pp. 91-112. doi: <https://doi.org/10.22409/mov.v7i14.42653>.
- Machado, A. M., Lerner, A. B. C. & Fonseca, P. F. (2017). Movimentos políticos e discursivos em Psicologia e Educação: fragmentos de uma história,. In A. M. Machado, A. B. C. Coutinho & P. F. Fonseca (Orgs.). *Concepções e proposições em Psicologia e Educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo* (pp. 12-28). São Paulo, SP: Blucher.
- Moraes, M. (2011). Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6(2), pp. 174-181. Recuperado de: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume6_n2/Moraes.pdf.